

A BASE PIRR – EM PORTUGUES

É de Spitzer a observação (muito exata, segundo cremos), de que já passou a época do descobrimento das grandes bases etimológicas greco-latinas. No que toca ao vocabulário hereditário já foram quase esgotadas as fontes latinas e gregas: só terão escapado poucas ao labor obstinado dos etimologistas do século XIX e da primeira metade do seguinte. Da maioria das palavras até agora sem explicação etimológica¹ encontrarse-á a origem na criação espontânea, no estoque afetivo e expressivo, em bases que, não exprimindo pròpriamente *um som, um ruído*, querem contudo traduzir *um movimento, um sentimento, uma qualidade material e moral, uma ação, ou um estado*. Trata-se de bases em que os sons se acumulam para pintar um desses conceitos².

É da base PIRR, que tem a idéia geral *de coisa pequena e muito rápida ou brusca*, que vamos agora tratar. Ela está representada em ES – PIRR – AR, “expelir, lançar fora, dar espirros; esguichar, cre-

¹ Muitas se explicarão ainda por bases pré-romanas, como provam os recentes estudos de Hubschmid e de outros.

² O conceito de *bases expressivas* pertence a Grammont: vj. a *Révue des langues romanes*, XLIV 1901, pág. 140. Recentemente Ruth Lehmann, discípula de Jaberg, dividiu-as em três gru-

pos, a saber: 1) *ruidos* (onomatopéias acústicas); 2) *imitações de movimentos* (onomatopéias cinéticas); 3) *simbolos fônicos* (exprimen aspectos físicos ou morais dos homens ou das coisas: gordura, magreza, pequenez, quantidade, estupidez, falta de agilidade, etc.) Vj. o seu belo volume *Le sémantisme des mots expressifs en Suisse Romande*, Berna, 1949, pág. 10.

pitar; agastar-se, respingar; sair ou irromper às carreiras”³ – trasm. ES – PIRR – ICH – AR, “fazer saltar ou jorrar (a água) – ES – PIRR – OTE, “casca de pinheiro” – PIRR – AÇA, “implicância, perfídia” – PIRR – AC – EAR, “fazer pirraças” – PIRR – AC – ENTO “que faz pirraças” – bairrada PIRR – ARIA, “pirraça, arreliã” – PIRR – ALHO, “criança, criançola” – PIRR – ALH – ADA – PIRRE, “criança, criançola, “pessoa que se amofina por motivos insignificantes” (*R. Lus.* 18, 140)⁴. Ocorre ainda perguntar se não há influência de PIRR nas palavras PIRRONICO, “teimoso”, PIRRONICE, “abstinação por pirraça” – palavras que originária e propriamente se ligariam ao sistema filosófico de Pirro.

A forma PIRECO⁵ (*R. Lus.* 16, 264), “o mesmo que pirralho”, se não se trata de êrro, por PIRRECO, pode explicar-se por interferência do verbo PIRAR, “fugir”, de procedência cigana e muito usado, quer na gíria portuguesa, quer na brasileira: cf. Adolfo Coelho,

³ Leite de Vasconcelos, no começo de sua fecunda atividade filológica (*R. Lus.* I, pág. 48 n.), propôs EX-PIR (V) LARE [de *PIRULA POR FILULA] > SPILRAR > I PILRAR > ESPIRRAR. Parece-nos que tal etimologia é forçada, quer do ponto de vista semântico (pérolas = perdigotos) quer do fonético. A forma popular SPILRAR, ISPIRRAR explica-se por *ultracorreção*: cp. GUERRA POR GUELRA, BIRRO POR BILRO.

Rodrigo de Sáogueira *Estudos sobre as onomatopéias*, 1950, págs. 202-3 depois de expôr hipóteses de Leite de Vasconcelos e de outros, acha que não é impossível que a forma portuguesa *espirrar* seja criação onomatopaica. Lembra que esse verbo designa, de maneira geral, o ato de expelir brusca e violentamente o ar pela boca e pelo nariz. Ora, “a brusquidão e a violência com que se expele o ar nesses momentos obrigam os órgãos a uma oclusão em qualquer parte do canal bucal, geralmente linguopalatal ou bilabial, de tal modo que se produz a oclusiva T ou P. Por outro lado, como, durante essa expulsão de ar, os órgãos continuam a reagir para manter a oclusão, sucede que esta é forçada a interromperse intermitentemente, a ter soluções de con-

tinuidade, de que resulta a produção de uma sucessão de oclusivas bruscas, fortes e rápidas, isto é, de uma vibrante R”.

Também o Sr. Manuel Rabanal Alvarez tratou do galego-português *espirrar*, optando, ao que parece, pela explicação onomatopaica: cf. os *Cuadernos de Estudios Gallegos*, XVII, 1950, págs. 409-422; idem, XX, 1951, págs. 451-454 (nota do r. José M. Alvarez Blázquez).

⁴ Qual dos dois sentidos será o primitivo? A forma *pirré* não parece fácil de explicar. Poderá ver-se nela, contudo, influência de palavra *churré*, “iovem”, que Adolfo Coelho aponta no calão português: cf. *Os Ciganos de Portugal*, Lisboa, 1892, pág. 154. A respeito da origem de *churré* pode ler-se, ainda, o que diz M. L. Wagner, no *Boletim de Filologia*, X, 1949, pág. 312.

⁵ O sufixo *-eco* apresenta, pelo menos em alguns casos, idéia pejorativa: cp. *fradeco*, *livreco*, *burreco*, etc. Vj. o rico e substancioso artigo de M. L. Wagner, *El sufijo hispano-americano “-eco” para denotar defectos físicos y morales* (na *Nueva Revista de Filología Hispánica*, IV, 1950, págs. 105-114).

Os Ciganos em Portugal, 1892, págs. 37 e 160; M. L. Wagner in *ZRPH*. 39, pág. 543; A. ascenses, *A. giria brasileira*, 1953, s. v.

Como outras formas românicas derivadas da base PIRR podemos citar o esp. PIRRARSE POR, “desejar com veemência uma coisa” o calabrés PIRRICHELLA “ragazza vivace e irrequieta”. PIRRICCHIU, “fanciullo di piccolissima statura” (Rohlf, *Dizionario dialettale delle tre Calabrie*, 1932, s. v.).

Terá existido, ou existirá ainda em algum falar, a forma *PIRRUCHO? ⁶. A suposição justifica-se em face do inexplicado ⁷ diminutivo *pequerrucho*, que bem poderia ter resultado de PEQUENO + *PIRRUCHO ou de *PEQUENUCHO + *PIRRUCHO.

Ao lado de PIRR, há que levar em conta BIRR, que aparece em BIRRA “teima, obstinação zanga, “manha de criança” (bras.) “vício de algumas cavalgadas, que ferram os dentes em qualquer objeto, mòrmente na manjedoura”, BIRRENTO, “que faz birra”, EM — BIRR — AR, “Teimar pertinazmente”.

SERAFIM DA SILVA ETO.

⁶ O sufixo -ucho é diminutivo: *papelucho*, *cornucho*, *aguilucho*, *capucho*, *gorducho*, etc. A respeito da sua origem, não de todo esclarecido, convém ler as páginas de Leite de Vasconcelos, nos *Opúsculos*, I, 421-4.

⁷ Note-se que o mirandês tem *pequerrico*, que Leite de Vasconcelos (*Estudos de Filologia Mirandesa*, II, 207) decompõe em *peq(u)-err-ico*, sem explicar o estranho elemento -err— J. J. Nunes

escreve: “Em *pequerrucho* afigura-se-me haver, além de -ucho, também outro -err, sendo, portanto o seu tema *pic* ou *picc*, . . .” (cf. a *Gram. Histórica*, pág. 402 n.). A isso nada acrescenta J. H. D. Allen, na sua monografia *Portuguese Word-formation with Suffixes*, 1941, pág. 66.

No Alto-Minho existe *pequerricho* (R. Lus. XXV, 188), onde se vê a alternância dos sufixos -icho e -ucho.